RODRIGUES, Icaro Alencar; GOMES, Márcia Maria; MARQUES, Larissa Carvalho. O papel do professor na gestão da indisciplina em sala de aula no universo da adolescência. In: VII CONNEPI-Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. 2012.

SANTOS, Daniel. Coordenação pedagógica: mudanças e adaptações na rotina da pandemia. Nova Escola. Disponível em

<https://novaescola.org.br/conteudo/20224/coordenacao-pedagogica-mudancas-e- adaptacoes-na-rotina-na-pandemia> Acessado em: 12 de abri de 2021.

SILVA, Lorena et al. EDUCADORES FRENTE À PANDEMIA: DILEMAS E INTERVENÇÕES ALTERNATIVAS PARA COORDENADORES E DOCENTES. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

A EXCLUSÃO DOS SURDOS NA ÉPOCA DA PANDEMIA

A FORMA COMO A PANDEMIA AFETA A COMUNICAÇÃO DOS SURDOS EM SEU COTIDIANO

SANTANA DE CASTRO ANDRADE NISHIHARA

RESUMO

O artigo científico explana sobre a exclusão dos surdos na sociedade e o seu agravamento durante a pandemia. O objetivo geral desse artigo é abrir caminhos para se pensar na exclusão dos surdos na sociedade no geral, algo que já acontecia antes, e também em políticas públicas que garantam os direitos do surdo por meio de ações efetivas. Pretendo trazer dados da capacidade dos cidadãos com deficiências em nossa sociedade quando há o devido respeito às suas especificidades, destacarei a surdez, pois creio que é uma condição cuja comunicação foi muito afetada nessa época da pandemia. A metodologia que me auxiliou na elaboração desse artigo foram as pesquisas bibliográficas e entrevistas com deficientes auditivos.

PALAVRAS-CHAVES: Respeito; Cidadãos; Inclusão; Pandemia; Comunicação.

INTRODUÇÃO

O inicio de nossa preocupação com a exclusão do deficiente auditivo na sociedade e seu agravamento durante a pandemia, surge da percepção e vivência de situações em que o surdo necessitava de um olhar diferenciado sobre as suas dificuldades em se integrar em nossa sociedade, pois ele também realiza atividades indispensáveis quando vai procurar emprego, realizar uma visita médica e fazer compras. Seus direitos não estão garantidos, pois a sociedade não compreende sua forma de se comunicar, como se sempre fosse exigida uma resposta auditiva.

A pandemia modificou a convivência entre as pessoas, onde as quais se encontraram com a necessidade de se adaptar rapidamente, porém essas mudanças no cotidiano afetaram de diversas formas pessoas com menos recursos. Chamou-me a atenção o fato da comunidade surda apresentar grande dificuldade na interação com o mundo: com o uso da máscara, não puderam mais realizar a leitura labial, seu principal meio de compreensão da sociedade.

Em uma situação real envolvendo uma entrevista de emprego, uma pessoa comunicou uma informação para todos somente de forma verbal e com o uso da máscara. Um surdo não teria acesso a essa informação que os ouvintes tiveram. Existem situações importantes que não incluem surdos, porém esse fato passa despercebido pela sociedade.

Dentro dessa abordagem, o presente artigo proporciona refletir sobre a historicidade da deficiência auditiva, a exclusão desse cidadão na nossa sociedade até os dias de hoje, retratar as características da deficiência e a relevância de adaptações na sociedade apresentadas para o indivíduo com surdez.

Pretendemos contribuir com essa leitura a sensibilização da integração do surdo em nossa sociedade, levando-a ao esclarecimento, a conscientização e a participação

na solução dessa problemática, juntamente com outros setores sociais, a fim de incluir o cidadão com excepcionalidade, atendendo e respeitando os deficientes com suas diferenças existentes.

DESENVOLVIMENTO

DEFICIENCIA AUDITIVA

Os surdos são pessoas cuja audição não é funcional para as finalidades comuns da vida (Comitê de Nomenclatura da Conferência de direitos de Escolas Norte americanas para surdo, 1938).

Existem diferentes tipos de perda auditiva, que são medidas por decibéis: leve, moderada, grave e profunda. Somente as pessoas com perda grave (60 a 75 decibéis) e profunda (acima de 75 decibéis) são consideradas surdas, enquanto as que possuem perda leve, moderada são consideradas de audição difícil.

Alguns casos de surdez são hereditários, podendo estar presente no nascimento ou desenvolver posteriormente no decorrer da vida.

A exclusão dos surdos na época da pandemia e as suas dificuldades de comunicação encontradas pelos deficientes auditivos em nossa sociedade. Presenciei fatos em que o deficiente, no caso auditivo, era afastado de realizar o que normalmente os ouvintes têm direito.

OS DIREITOS GARANTIDOS AOS DEFICIENTES

Os direitos fundamentais garantidos ao portador de deficiência que estão na Constituição Federal e na lei nº 7853 de 24/10/1989 são:

- O direito à igualdade de tratamento e oportunidade;
- O direito de ir e vir;
- À justiça social;
- O respeito à igualdade da pessoa humana;
- O bem estar pessoal, social e econômico;
- O direito a não sofrer discriminação e preconceito;
- O direito à educação, bem como a adoção de Educação Especial que abranja, dentre outras coisas, programas de habilitação e reabilitação profissionais;
- O direito ao trabalho com garantia de apoio governamental à formação profissional e a reserva de mercado de trabalho a pessoas portadoras de deficiência;
- O direito ao lazer, à previdência social, ao amparo, à infância e à maternidade;

Ao observamos a lista de direitos acima notamos que muitos deles não funcionam na realidade. Como exemplo, nas vagas para PCD as empresas demonstram preferência a deficiências as quais elas precisam se adaptar o mínimo possível, o que resulta na dificuldade das pessoas com deficiências mais severas de serem incluídas no mercado de trabalho, mesmo sendo qualificadas para a vaga.

Muitas vezes o deficiente é excluído do contexto social devido ao preconceito ou mesmo por ausência de conhecimento das pessoas ao redor em relação a interação com o deficiente, algo que as leis deveriam prever e criar políticas publicar para sanar essa situação e dessa forma cumprir com os seus deveres e garantir ao deficiente os seus devidos direitos.

O estudo tem por objetivo: definir as dificuldades de comunicação do deficiente auditivo nos lugares públicos; conhecer suas limitações para que a sociedade possa pensar sobre a problemática de ser deficiente auditivo; buscar soluções para mudar a realidade discriminatória, possibilitando meios para que o deficiente auditivo consiga vencer as dificuldades de comunicação no meio em que vive; propiciar aos surdos o aprendizado da linguagem oral, escrita e sinalizada possibilitando o desenvolvimento da linguagem

como instrumento de integração.

FORMAS DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é utilizada pelos surdos para se comunicar. Ela é reconhecida desde 2002, (Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002) possui uma estrutura gramatical própria a organização gramatical é totalmente diferente do português.

Em nossa sociedade a língua oral é muito valorizada e desconsidera os outros meios de comunicação independentemente de sua necessidade. Esse é o caso de LIBRAS, que é uma língua que precisa ser mais divulgada e valorizada em lugares públicos como escolas, mercados e igrejas para possibilitar a comunicação com os deficientes auditivos.

Está muito claro para quem está observando com atenção que a nossa sociedade está despreparada para receber o surdo e até mesmo outros tipos de deficiência, pois não lhe oferece condições para que viva no mundo de forma acolhedora e mostre sua capacidade e importância no meio social.

Alguns autores como Moura (2000), dizem que a inserção social dos surdos constitui um sério problema, e muitos caminhos têm sido seguidos na busca de uma solução, fazendo-nos perceber que os surdos lutam pelo direito de expressar sua identidade.

ALFABETO MANUAL

No “alfabeto manual” utilizam-se as mãos para produzir as letras do alfabeto, gestos e sinais. Há uma variação destas letras no mundo e utiliza uma mão, o que facilita, pois deixa a outra mão livre.

É possível que cegos e surdos se comuniquem através do tato.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

LIBRAS é uma abreviação de “língua brasileira de sinais” e é utilizada pelos surdos brasileiros para se comunicarem em substituição à língua oral. Eles utilizam:

- A configuração pela mão, como a posição dos dedos;
- As posições, além de mãos, outras partes do corpo, como movimento dos olhos, rosto e tronco;
- Expressão facial ou corporal, como demonstrar se está com raiva ou feliz;
- Sinais com movimentos e sinais sem movimentos;

Eles podem através da linguagem de sinais expressarem as palavras inteiras ou ideias. Para utilizar os sinais com facilidade é necessário treino e prática. Há muitas variações de sinais no mesmo país

LEITURA LABIAL

Os deficientes auditivos conseguem ler lábios do interlocutor e perceber algumas pistas, mas para isso é necessário que o interlocutor fale claramente e articule bem as palavras. Essa técnica chama-se leitura labial.

Os deficientes auditivos só conseguem fazer a leitura de até 50%, pois muitos sons ficam parecidos na posição dos lábios. Facilita muito se ele souber o assunto de conversa, agora se a pessoa surda nasceu nesta condição fica mais difícil, pois necessita imaginar sons nunca ouvidos e se ficou surdo posteriormente terá mais facilidade para compreender a mensagem.

LEITURA DA FALA

A leitura da fala é um conjunto associado de expressões, fisionomias e gestos espontâneos.

Ao comunicar-se com um deficiente auditivo é necessário que:

- Fale sempre de frente,

- Fale normalmente;
- Observar o seu rosto e seus lábios;
- Articular bem as palavras;
- Se for necessário, repita as palavras;

O Bilingüismo, por sua vez, possui uma abordagem focada no multiculturalismo, movimento, esse, de valorização dos direitos sociais e culturais das minorias, o que possibilitou a afirmação da cultura surda no mundo. Esse método defende a utilização de duas línguas na educação dos surdos, sendo a primeira delas a Língua de Sinais, visto que a aquisição da linguagem se dá no campo visual, e uma segunda língua, que poderia ser oral ou escrita.

Segundo a autora Moura (2000), o Bilingüismo se relaciona com o multiculturalismo, nessa visão o surdo tem sua particularidade comunicativa reconhecida pela sociedade, onde sua identidade é visível .Ela afirma que o surdo constrói sua identidade ao interagir com seus iguais., fazendo com que se perceba como sujeito.Por isso a importância da existência de uma comunidade de surdos, pois, dentro do grupo, se está entre iguais, sendo que a surdez não é usada como instrumento de discriminação, mas, sim, de interação grupal

No entanto o que vemos são relatos que afirmam que a surdez é causadora de limitações cognitivas e afetivas, culpando o deficiente pela sua não interação e deixando de enxergar que são as condições oferecidas ao surdo que são ineficientes em sua integração na sociedade como um todo, pois não estão presentes no contexto social.

COMO O SURDO É VISTO

O deficiente, de qualquer natureza, não é invisível para as leis, mas na prática ele continua desprovido de seus direitos perante a sociedade.

O ECA garante o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade das crianças e adolescentes. Na Constituição Federal no Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência existe desde julho de 2015,(lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015). e visa garantir e promover a igualdade de direitos aos brasileiros com deficiência, permitindo que todas as pessoas com deficiência tenham acesso às mesmas oportunidades que as demais, não podendo acontecer qualquer tipo de discriminação, preconceito ou restrição de direitos.

Percebemos que a sociedade não tem maiores esclarecimentos sobre esse assunto, sendo muito comum ouvirmos: “surdez é doença”, “surdo não fala”. Traremos fatos que comprovem a veracidade do que vem ocorrendo, distanciando ainda mais a inclusão social do deficiente auditivo.

Por conta do desrespeito, as pessoas deficientes muitas vezes são tratadas como incapazes de exercer seus direitos como cidadão. Sempre foram vistas como “sujeitos dignos de pena” pela sociedade, que deixa de enxergar suas capacidades, o que fez com que a situação se tornasse uma luta isolada.

Ao entrevistar um surdo, foram exemplificadas as suas dificuldades agravadas durante a pandemia:

“Antes de acontecer a pandemia, eu tinha facilidade de entender a leitura labial, mas agora dificultou a leitura labial devido ao uso obrigatório de máscara para a proteção contra o COVID-19. Toda vez que saio de casa, eu tenho que pedir para as pessoas se adaptarem ao me atender. Se for um consultório, eu mostro uma folha de lembrete pedindo para me chamar pessoalmente. Se for um mercado, quando eu não consigo ver o preço da caixa registradora, eu faço sinal de “R$” que a maioria entende o significado, então me mostram o monitor ou anotam atrás do comprovante. Por isso, estou tentando me adaptar às novas regras adicionadas pelo

Ministério da Saúde, mas lentamente. Eu ia trabalhar como professora, mas agora mudei um pouco minha perspectiva: que eu prefiro trabalhar nos bastidores. Assim eu evito o público, a não ser que a sociedade aprenda LIBRAS para facilitar a comunicação."

Como podemos perceber com essa entrevista, os surdos tentam se adaptar a um ambiente que exige a comunicação oral, porém o mesmo não acontece com os ouvintes em relação a compreender o deficiente auditivo e suas dificuldades.

A SOCIEDADE

Dentre as variedade de pessoas com deficiência o surdo é o único que possui uma Cultura e necessita de uma língua diferente para comunicar-se na sociedade.

Pela falta da audição ele entende o mundo visualmente interpretando os sentimentos na expressão humana. Os ouvintes podem identificar por meio das entonações de voz sentimentos como amor, raiva, medo. Com o surdo isso acontece de forma diferente, ele identifica os sentimentos através da expressão do rosto.

Existe uma falta de ações e cumprimentos de leis sobre como a sociedade deve interagir com os deficientes no geral, e também perceber que é uma luta de todos e que os locais deveriam se adaptar pensando em atender a todos os cidadãos. E oferecer subsídio a interação, não basta só incluir o cidadão, precisa enxergá-lo como sujeito de direito.

Rampas para permitir a locomoção do deficiente físico e até mesmo idoso com dificuldades de movimento.

Nos locais deveria ser obrigatória algum profissional que saiba o básico de libras, da mesma forma que um deficiente visual é auxiliado nas estações de metrô, essas atitudes deveriam ser cobradas das autoridades competentes.

Em conseqüência da surdez,

Como exemplo de outro tipo de deficiência que foi afetado pela pandemia foi a deficiência visual, pois para ler em braile é necessário o contato físico, dificuldade em manter a distância de outras pessoas, pela falta de visão.

Portanto depois da pandemia precisamos de medidas eficazes para garantir os direitos de ir e vir dos deficientes em nossa sociedade.

Uma forma de adaptação que já ocorre é dentro do metrô pois quando as portas se fecham há tanto sinal visual como auditivo. O deficiente não pode ser penalizado pela sua deficiência.

Portanto a sociedade como um todo deveria lutar junto com todos por direitos humanitários e não aceitar nada menos do que o seu cumprimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas considerações finais estão fundamentadas pelos autores estudados: DANES, Bloch, Telford, Taylor, que tratam o tema aqui desenvolvido.

Verificamos que em geral há um distanciamento em entender a surdez da forma como ela é de fato, o surdo é capaz de usar outras formas de interagir no mundo, pois a falta de audição não torna o individuo incapaz de contribuir como um cidadão no mundo.

As dificuldades em viver num mundo de ouvintes são percebidas: no convívio familiar, na escolar e na sociedade, precisamos enxergar que o surdo é uma pessoa normal com uma excepcionalidade e capaz de contribuir para um mundo em desenvolvimento. Portanto é necessário criar práticas efetivas para perceber as reais capacidades dos surdos e investigarmos de que forma contribuem neste sentido.

Com a modernização nos recursos fonoarticulatório e das metodologias de ensino que consideram o deficiente como "sujeito construtor de sua história" – e também das novas tecnologias em prótese auditiva, auxílios visuais, aparelhos de rádios, etc. – percebemos que houve avanços que contribuí-